Aula 8

HETEROGENEIDADE DISCURSIVA:
OS MODOS DE REPRESENTAÇÃO DO OUTRO NO DISCURSO

META

Discutir a heterogeneidade discursiva como constitutiva da linguagem.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
Compreender que todo dizer tem em si a presença do Outro/outro;
Identificar os mecanismos enunciativos presentes no fio do discurso para marcar a heterogeneidade.

PRÉ-REQUISITOS

O aluno deve ter conhecimento sobre Concepção de sujeito;
Interdiscurso e Formação discursiva

Eugênio Pacelli Jerônimo Santos
Flávia Ferreira da Silva

INTRODUÇÃO

Prezado(a) Aluno(a),

Já discutimos, nas aulas anteriores, alguns conceitos-chaves para a Análise do Discurso. Vimos, dentre tantas questões, que o sujeito não é uno. Nesta aula vamos discutir a heterogeneidade discursiva. Veremos que todo discurso é, necessariamente, atravessado por outros discursos. Existem outros sujeitos demarcados no dizer. Vamos identificar, a partir dos estudos de Jaqueline Authier-Revuz, os mecanismos enunciativos presentes no fio do discurso para marcar o outro.

Pronto para esse desafio?

HETEROGENEIDADE: ALGUMAS PALAVRAS

O conceito de heterogeneidade, como conhecemos na Análise do Discurso, surge na chamada terceira fase da AD. Como vimos na aula 02, já a partir da segunda fase, AD-2, duas mudanças contribuíram diretamente para o surgimento desse conceito. Primeiro, o redirecionamento da concepção de Formação Discursiva, não mais vista como "um lugar estrutural fechado, pois é constitutivamente 'invadida' por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FDs) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais" (PÊCHEUX, 1993b, p. 314). Segundo a noção de interdiscurso para designar "o exterior específico" desta FD, "o todo complexo com dominante' das formações discursivas, intricado no complexo das formações ideológicas" (PÊCHEUX, 1997, p. 162).

Como você pode observar, o sujeito já aponta indícios de heterogeneidade. Mas, é apenas na terceira fase, a chamada AD-3, que esse sujeito passa a ser concebido em sua natureza heterogênea. Temos então, nessa fase, o sujeito clivado, dividido, com o primado do interdiscurso. Assim, "o "eu" perde a sua centralidade, deixando de ser senhor de si, já que o "outro", o desconhecido, o inconsciente, passa a fazer parte de sua identidade." (MUSSALIM: 2004).

Foi com a linguista Jaqueline Authier-Revuz (1990, 2004) que o conceito de heterogeneidade se desenvolveu e ganhou espaço. A partir da concepção de interdiscurso proposta pela AD francesa, da teoria do sujeito construída pela psicanálise, influenciado principalmente pelos estudos de Lacan, e da noção de dialogismo e de polifonia desenvolvida por Mikhail Bakhtin, que Authier-Revuz estabelece o conceito de heterogeneidade enunciativa, possibilitando a AD um aporte teórico-metodológico para a análise do outro na discursividade produzida por e em materialidades linguísticas.

De acordo com Bakhtin (2010), a língua, em seu uso real, não considerada apenas como um conjunto abstrato de signos, tem a propriedade

de ser dialógica. Aqui o autor não se refere apenas à interação presencial, ao diálogo face a face. Refere-se à realidade de que, para construir seu discurso, o enunciador, necessariamente, considera o discurso de outrem. Assim, o dialogismo deve ser pensado não em termos semânticos ou lógicos, mas em termos de ponto de vista de sujeitos sociais sobre uma realidade dada.

Afirma Fiorin (2007: p. 110) que

> Com base nos princípios bakhtinianos, a Análise do Discurso de linha francesa propõe o princípio da heterogeneidade, a ideia de que a linguagem é heterogênea, ou seja, de que o discurso é tecido a partir do discurso do outro, que é o "exterior constitutivo", o "já dito", sobre o qual qualquer discurso se constrói.

Para Jaqueline Authier-Revuz o discurso é heterogêneo, pois "sempre sob as palavras, 'outras palavras' são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia (discursiva), se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso" (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28)

Figura 01: Jaqueline Authier-Revuz

A teoria de Authier-Revuz está inscrita no campo específico da Linguística e analisa os processos enunciativos sob uma perspectiva que enfoca a presença do Outro/outro na enunciação, tomando por base o reconhecimento da língua como sistema de diferenças e como espaço de equívoco. A heterogeneidade é tomada como fundante – a linguagem é heterogênea em sua constituição. A autora busca colocar em evidência as rupturas enunciativas no fio do discurso e apresentar os elementos decisivos para o surgimento de um discurso outro no discurso do mesmo.

Você deve observar que a teoria de Authier-Revuz mostra que o sujeito não é uno como se acreditava e que todo dizer traz, necessariamente, outros dizeres. Por isso a heterogeneidade discursiva estuda a relação entre a língua e o que é considerado como seu "exterior", procurando entender como se dá a inscrição do Outro/outro no discurso.

Antes de caracterizarmos a heterogeneidade seria importante deixar claro o que se diz ser o Outro (com "o" maiúsculo) e o outro (com "o" minúsculo) de que tanto se fala aqui. Pois bem, o "Outro" refere-se ao inconsciente da teoria lacaniana. A partir da releitura de Freud, Lacan compreende a constituição do inconsciente como o lugar do Outro, como também as relações do inconsciente com a linguagem. O Outro está além de uma dimensão imaginária, é o local da linguagem, dos significantes. Já o "outro" (com "o" minúsculo) corresponde ao interlocutor, à alteridade.

Apoiando-se nessa releitura, Authier-Revuz articula a heterogeneidade com o inconsciente da psicanálise e afirma que:

> Sempre, sob nossas palavras, "outras palavras" são ditas: é a estrutura material da língua que permite que na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso, através da qual a análise pode tentar recuperar os indícios da "pontuação do inconsciente" (1990).

HETEROGENEIDADE MOSTRADA E HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA

Para Jaqueline Authier-Revuz existem dois tipos de inscrição do Outro/outro no discurso, que são:

> 1 - A heterogeneidade mostrada (marcada ou não marcada) - "processos de representação, num discurso, de sua constituição" (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.32). Na verdade, nas palavras da autora trata-se de "formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso" (idem, p.26). Ela ainda acrescenta que existem dois tipos de enunciados: aqueles que mostram a heterogeneidade, marcada explicitamente, e aqueles cujas marcas não são explícitas. Como exemplo de heterogeneidade mostrada e marcada, temos as glosas enunciativas, o discurso relatado (formas sintáticas do discurso direto e do discurso indireto), as aspas. Como exemplo de heterogeneidade mostrada, mas não marcada, temos a ironia, o discurso indireto livre, etc., que contam com o "outro dizer", sem explicitá-lo, para produzir sentidos.
>
> 2 - A heterogeneidade constitutiva – é aquela que não aparece marcada

linguisticamente no fio do discurso, o Outro/outro não aparece de forma explícita. Para Authier-Revuz (1990, p. 32) este processo se refere "aos processos reais de constituição dum discurso", já que todo discurso traz outros sujeitos em sua constituição. "Todo discurso é constitutivamente atravessado pelos 'outros discursos' e pelo 'discurso do Outro'" (idem 32). Assim, um discurso é heterogêneo porque sempre comporta, constitutivamente, em seu interior, outros discursos. Para Maingueneau (1997), este tipo de heterogeneidade poderia ser comparado à noção de interdiscurso, considerando que todo discurso é construído no processo de incorporação de outros discursos, pré-construídos, produzidos em seu exterior.

Deve ter ficado claro para você, a partir das considerações de Authier-Revuz, que as palavras não são exclusividade de um enunciador. Elas são sempre escolhidas levando-se em consideração as palavras de um Outro, que já foram ditas em algum lugar da história e, por isso, estão impregnadas de valores ideológicos, modificando o seu sentido em função do momento, do uso e do lugar discursivo do enunciador.

É importante percebermos que ao fazer uso da heterogeneidade, característica do discurso, o sujeito dá a ilusão de ser uno, de ser a origem do dizer, de ser homogêneo e despojado de conflitos. Essa percepção é fundamental para a Análise do Discurso que tem na presença do Outro no discurso uma de suas características fundamentais.

MARCAS DO OUTRO NO DISCURSO

Como afirma Maingueneau (1997, p. 75) "O levantamento exaustivo e a classificação das marcas de heterogeneidade representam uma tarefa perigosa, talvez impossível [...]". Considerando essa afirmativa, apresentaremos a seguir os principais mecanismos para demarcar o outro no discurso.

HETEROGENEIDADE MOSTRADA MARCADA

Os principais recursos utilizados para demarcar explicitamente o outo na estrutura linguística são os seguintes:

Discurso direto – "são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples "porta-voz". Observem o que se passa no exemplo a seguir:

Figura 02:Imagens manifestaçõesde2013 no Brasil
(Fonte: https://www.google.com.br/search?q=saímos+do+facebook&biw=1242&bih=602&tbm=isch&imgil=xEIERu7Q0bn-bM%253A%253Bhttps).

Discurso indireto – nesse mecanismo "o locutor se comporta como tradutor fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do sentido dos propósitos que ele relata". (p. 12). No exemplo que segue é possível observar esse mecanismo:

> "A ministra Maria do Rosário, da Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República, disse que as descobertas feitas pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), como o esclarecimento da morte do deputado Rubens Paiva, abrem uma oportunidade para "todos aqueles, militares ou civis, que participaram daquela época de torturas em nome do Estado, façam um acerto de contas com a consciência, que devem ter"".
> http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,torturador-nao-pode-ficar-impune-diz-maria-do-rosario,1135916,0.htm

Como formas de conotação autonímica, temos os seguintes recursos:

As aspas: as aspas desenvolvem um importante papel na marcação do discurso do outro com diferentes funções no plano enunciativo. A partir do que Authier-Revuz propõe, Koch (1997, p. 53-54) faz a seguinte síntese:

I - aspas de diferenciação: (para mostrar que nos distinguimos daquele(s) que usa(m) a palavra, que somos "irredutíveis" à palavras mencionadas);
II - aspas de condescendência: (para assinalar uma palavra que se incorpora 'paternalisticamente' para saber o que o interlocutor faria assim);
III – aspas pedagógicas: (no discurso de vulgarização científica que assinalam frequentemente o uso de termos ou expressões vulgares como um passo intermediário para permitir o emprego posterior da palavra "verdadeira", correta à qual o locutor adere);
IV – aspas de proteção: para mostrar que palavras ou expressões usadas não são plenamente apropriadas, que estão sendo empregadas no lugar de outras, construindo, muitas vezes, metáforas banais;
V – aspas de ênfase ou insistência;
VI – aspas de questionamento ofensivo ou irônico: (quanto à propriedade de palavra ou expressão empregada pelo interlocutor por prudência ou por imposição à situação).

Observe o exemplo:
Em luto após ataques, Índia vive o seu "11 de setembro".
Uol, 29/11/2008

O itálico: trata-se da mudança tipográfica da letra. Na modalidade autonímica, para Maingueneau (2001), "o itálico é utilizado preferencialmente para palavras estrangeiras e chamar atenção, a fim de destaca-las". Como no exemplo que segue:

Figura 03: Tirinha Mafalda
(Fonte: http://blogleoamarelomanha.blogspot.com.br/2011/06/tirinha-da-mafalda.html).

Glosas – são passagens que explicam o sentido de uma palavra ou de um texto; comentário, interpretação.

O discurso é heterogêneo, ou seja, que a palavra está sempre atravessada pela palavra do outro.

HETEROGENEIDADE NÃO MARCADA

Podemos dizer se tratar de um processo mais complexo por não apresentar marcas imediatas na superfície linguística, exigindo dos analistas uma maior atenção aos processos de derivação no campo enunciativo para observar sua representação. Aparece, principalmente, em forma de discurso indireto livre, ironia, slogan e provérbio.

O slogan - um dos marcos principais de divulgação publicitária das empresas é outro mecanismo que propõe a presença do outro "no fio do discurso". Para Maingueneau (2001, p. 171) "o slogan está associado sobretudo à sugestão e se destina, acima de tudo a fixar na memória dos consumidores potenciais a associação entre uma marca e um argumento persuasivo para a compra". O autor ainda afirma que na atualidade procura-se, pois, não tanto transformar o slogan numa fórmula autônoma, mas apreendê-lo como um dos constituintes de um discurso com múltiplas dimensões". (idem, p. 172). Trata de um discurso de autoridade que "presume a ausência de um enunciador".

Figura 04: Slogan Natura

Provérbio – nas palavras de Maingueneau (2001, p.171) "é uma asserção sobre a maneira como funciona o mundo, dizendo como funcionam as coisas, sobre como funciona o mundo, dizendo o que é verdadeiro. O enunciador apoia-se nele para introduzir uma situação particular em um quadro geral preestabelecido, delegando ao co-enunciador a tarefa de determinar a relação existente entre os dois".

Não se faz uma omelete sem quebrar os ovos

CONCLUSÃO

Ao término desta aula percebemos que o discurso não é puro. Ele aparece sempre marcado por outros discursos. Assim, é tomado como forma de interação verbal o que põe o sujeito no âmbito, também, social, uma vez que ele se inscreve nas interlocuções com outros sujeitos por meio da língua.

O sujeito deixa escapar as marcas do outro por meio das formas de heterogeneidade mostrada. Portanto, o sujeito enunciador, a partir de traços característicos, marca no fio do discurso que os dizeres ali presentes não são seus.

RESUMO

Nesta aula vimos que a heterogeneidade discursiva desenvolve-se na Análise do discurso a partir da terceira fase, AD – 3, com estudos, de âmbito linguístico, de Jaqueline Authier-Revuz. Vimos que a heterogeneidade é constitutiva do discurso, ou seja, não existe discurso puro, todos são atravessados por outros sujeitos. Para Authier-Revuz, a inscrição do Outro/outro no fio do discurso pode ser de dois tipos: a heterogeneidade mostrada (marcada ou não marcada) – sinalizada com marcas características na superfície linguística – e a heterogeneidade constitutiva (não marcada linguisticamente) – sinalizada pelo dialogismo de Bakhtin e pela psicanálise, a partir dos estudos de Lacan.

ATIVIDADES

1. Defina heterogeneidade mostrada (marcada ou não marcada) e explique de que modo ela aparece no fio do discurso.
2. Analise a heterogeneidade mostrada a partir da imagem que segue, já vista por nós, no início desta aula:

Figura 05: Imagens manifestações de 2013 no Brasil
(Fonte: https://www.google.com.br/search?q=saímos+do+face book&biw=1242&bih=602&tbm=isch&imgil=xEIERu7Q0bn-bM%253A%253Bhttps).

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Na atividade proposta é importante que você considere:
1. O conceito de heterogeneidade, considere o que caracteriza a marcada, quais os traços perceptíveis no fio do discurso e o que caracteriza a não marcada. E estabeleça uma comparação entre uma e outra.

2. Desenvolva sua análise considerando a relação entre o que está escrito e a relação com a exterioridade da língua. Mostre como o sujeito se inscreve nas interlocuções com outros sujeitos, por meio da língua.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, a de número 09, continuaremos estudando a Heterogeneidade discursiva. Estudaremos a a Heterogeneidade constitutiva.

AUTOAVALIAÇÃO

Reflita sobre as seguintes questões:

1. Consigo definir heterogeneidade discursiva?
2. Consigo perceber que a heterogeneidade é constitutiva do discurso?
3. Consigo estabelecer diferença entre heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva?
4. Ficou clara, para mim, qual a relevância de se entender a heterogeneidade como fato de linguagem que transforma o espaço de compreensão do sujeito, considerado na relação da linguagem com sua exterioridade.

REFERÊNCIAS

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 4 ed. Campinas: Pontes, 2006.

______. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

______. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993a. pp. 61-161.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade:** um estudo enunciativo do sentido. Revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas:** as não coincidências do dizer. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

_____. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Lingüísticos.** Campinas: UNICAMP, n. 19: 25-42, jul.; dez.1990.

FARACO, C. A.; CASTRO, G. de; TEZZA, C. (Org.) Diálogos com Bakhtin. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2001. _

_____. **Novas tendências em análise do discurso.** São Paulo: Pontes, 1989.